





chomsky, o bufão de Chávez¹

octavio alberola

(I)

Contrário ao que muitos pensam, a capacidade de crer em falácias e aceitar cegamente uma ficção, por mais imaginária e grotesca que seja, não é um atributo de idiotas e ignorantes. O caso do famoso ensaísta Noam Chomsky nos mostra que também intelectuais cultos, inteligentes e perspicazes podem tornar-se crédulos e aceitar condutas e atuações políticas evidentemente demagógicas, falaciosas e autoritárias. Se não creem, ao menos simulam.

Não é inédito um intelectual de categoria cair em tal contradição. Com a União Soviética e a China maoísta tivemos o irracional fenômeno dos “companheiros de viagem”. Estes intelectuais acreditavam — muitos deles de

Octavio Alberola, anarquista, atuou na luta contra as ditaduras de Batista, em Cuba, e de Franco, na Espanha. Atualmente, entre outras atividades, trabalha na revisão do processo de Delgado e Granado; no Grupo de Apoio aos Libertários e Sindicalistas Independentes de Cuba (GALSIC). É autor de El anarquismo español e la acción revolucionaria (1961-1974) e Miedo a la memoria.



boa fé — na instauração do “socialismo” e na construção do “homem novo” em nossos países, até que os fatos os obrigaram a dar conta do que eram esses regimes.

Não obstante, mesmo que em muitos casos tais descaminhos não estejam motivados por algum tipo de recompensa, e pareçam sinceros ou puras fatalidades antropológicas, é coerente perguntar por que e como tais condutas ocorrem. Mesmo que o mais fácil seja pensar que é, simplesmente, efeito da crença de que nenhum ser humano — inclusive o mais racional — possa evitar permanentemente, no caso de Noam Chomsky, é impossível esquecer que ele combateu esse efeito da crença no passado.

Vejo-me obrigado a perguntar: como um homem, aparentemente capaz de raciocinar, de analisar criticamente o que acontece no mundo, pode viajar à Venezuela para dar loas ao “socialismo do século XXI” sem perceber a mentalidade castrense de seu criador, o Comandante Chávez, nem o populismo grotesco de sua chamada “revolução bolivariana”?

Como Chomsky pode cometer o mesmo erro que cometeram, no século passado, famosos intelectuais da época, uns louvando a Stalin e outros, anos mais tarde, a Mao e o seu *Pequeno Livro vermelho*? Estes acreditavam que a Rússia e a China construía o “verdadeiro comunismo”, mas ele acredita, agora, que na Venezuela se cria “um novo mundo, um mundo diferente.”

Como pôde se esquecer que anos mais tarde todos aqueles intelectuais viram-se obrigados a um mea culpa pela cegueira ideológica que os impedira ver o que havia por trás do discurso revolucionário stalinista e maoísta? Foi este totalitarismo o responsável pela morte de milhões



Chomsky, o bufão de Chávez

de pessoas e que inspirou Castro a impor há mais de cinquenta anos uma ditadura em Cuba da qual Chávez é um devoto admirador.

O surpreendente no Chomsky dos últimos anos não é apenas sua aparente amnésia histórica, mas a sensibilidade aos elogios desse castrense histriônico: “dou-lhe as mais calorosas boas-vindas (...) já estava na hora de nos visitar, para o povo venezuelano vê-lo e ouvi-lo pessoalmente.” Agradeceu a essas “amáveis e generosas palavras”, e acrescentou quanto era “emocionante ver os homens que inspiraram essa situação.”

O mais surpreendente desta conversão à fé messiânica, similar às conversões célebres à fé católica (como as de Baudelaire, Peguy, Claudel, etc.), é que o milagre vem depois da queda do “socialismo real” de inspiração soviética e da instauração do capitalismo na China pelo Partido Comunista que Mao deixou no poder. A diferença entre os intelectuais “idealistas” — que louvaram Stalin e Mao antes que sucedessem estes importantes e significativos acontecimentos históricos — e Chomsky é que este pôde observá-los em vida. Por isso é mais incompreensível o fato de que agora pareça querer esquecê-los, sobretudo quando os fracassos do messianismo revolucionário confirmaram de maneira indiscutível suas profecias.

É verdade que há um bom tempo assistimos a instrumentalização de Chomsky em diversas direções. Ainda que sua posição ética, referências ideológicas e atuação política estejam nas antípodas do que defendem e adoram muitos daqueles que atualmente pretendem tê-lo como guia. Isto é fácil de notar simplesmente lendo seus livros; a não ser que o Chomsky de hoje não seja o mesmo que



escreveu: “estamos num período de corporativização do poder, consolidação do poder, centralização. Isso se supõe bom para um progressista, como um marxista-leninista. Destes mesmos antecedentes procedem três acontecimentos importantes: o fascismo, o bolchevismo e a tirania corporativa. Todas surgem mais ou menos das mesmas raízes hegelianas.”² E não esqueçamos o que escreveu mais tarde sobre o país saído do golpe de Estado bolchevista de outubro de 1917, responsável pela eliminação das estruturas socialistas emergentes na Rússia: “são os mesmos brutais comunistas, os mesmos brutais stalinistas, que agora dirigem os bancos”, são os “gestores entusiastas da economia de mercado”. E daí decorria seu pessimismo: “os que pretendem se associar a organizações populares e ajudar a população a organizar-se por si própria, os que apóiam os movimentos populares, simplesmente não sobreviverão em tais circunstâncias de poder centralizado.”³

Como, hoje em dia, ele pode cometer o mesmo equívoco dos “companheiros de viagem” pró-chineses — que haviam conhecido cegueira comparável (e reconhecida) da geração precedente, a dos velhos stalinistas tardiamente adesistas da autocrítica — ainda mais por ter sido uma testemunha crítica de tal cegueira? O mais gritante no caso de Chomsky é que de nada valeram tais experiências apesar de tê-las conhecido e denunciado!

A partir de Chomsky, devemos nos perguntar sobre o *mistério* dessa estranha coabitação da inteligência mais perspicaz com a credulidade mais obtusa em um mesmo espírito humano. E, principalmente, porque naqueles tempos, ele foi um dos que mais contundentemente criticaram a cegueira de muitos de seus colegas intelectuais, que constituíam ao seu lado o mais alto patamar da inte-



Chomsky, o bufão de Chávez

ligência ocidental, como Sartre e outros grandes filósofos, historiadores, sociólogos, jornalistas e universitários.

Há *mistério* sim. Não foram poucos os intelectuais que confessaram seus equívocos e que reconheceram que Chomsky tinha razão ao por em evidência a cegueira que os induziram ao gravíssimo erro de julgamento do passado. Como Chomsky esqueceu disso? Tampouco é verdade que a cegueira dos stalinistas — mil vezes confessada e analisada em artigos, entrevistas e livros — serviu de lição aos jovens maoístas ocidentais, pois a uma distância de 20 anos de intervalo, reproduziram o mesmo tipo de desvio, com o mesmo orgulho e presunção dos predecessores. Mas se o inaugural neles foi a adesão cega ao que se apresentava como revolução emancipadora, em Chomsky ocorreu o contrário: primeiro foi a denúncia, a análise objetiva, racional, rigorosamente crítica, e depois a cegueira...

O anti-imperialismo USA de Chomsky o levou a uma relativa discrição sobre o autoritarismo crescente dos sandinistas durante seu exercício de poder, na Nicarágua, nos anos 1980, e da ditadura castrista há várias décadas. Ainda que sobre as vítimas desta última se encontrem pessoas com muitos pontos em comum com os militantes anti-imperialistas pró-cubanos do restante da América Latina.

O anti-imperialismo míope

Será este obstinado anti-imperialismo reduzido a denúncias das injustiças que prevalecem nos USA, e às provocadas por esse país em escala planetária, que o leva a posicionar-se de maneira tão desconcertante



em relação ao continente americano? Em termos efetivos, mesmo que Chomsky permaneça se intitulado “anarquista-libertário”, está claro que para ele as considerações ideológicas devem passar a um segundo plano e que se deve estabelecer uma forma de graduação entre as injustiças, segundo o grau de periculosidade planetária aos alvos contra os quais dirige sua crítica. O problema é que este relativismo político permite a muitos marxistas-leninistas, populistas e políticos, cuja única preocupação é a conquista do poder, o seu exercício e a sua conservação, a escudarem-se nos argumentos anti-imperialistas de Chomsky, em vez de preocuparem-se em ajudar e a colaborar com a população para que se organize por si própria. É este um verdadeiro problema sobre o qual Chomsky se cala e não faz nada para dissuadi-los. Ao contrário, mantendo-se com tanta perseverança em sua imoral discrição e deixando-se fotografar ao lado dos Castro e Chávez se torna — ainda que com elogios discretos e convenientes — cúmplice das palhaçadas e dos desvios autoritários, ditatoriais, dos novos oligarcas.

Esta obstinação em manter tão maniqueísta discrição, desafortunadamente (por considerar menos perigoso o acesso ao poder destes populistas que os destroços causados pelo imperialismo ianque no mundo), é ineficaz para impedir tais devastações (estes populistas seguem negociando com as multinacionais do império), e contribui para desmobilizar os povos e a tornar mais difícil a tarefa dos que lutam contra a dominação planetária do Capital e do Estado.

É possível que devido à sua idade avançada Chomsky não possa reconhecer isso. Mas é impossível pensar que



Chomsky, o bufão de Chávez

ele não seja consciente da distância que o separa daqueles que colhem seus argumentos contra o imperialismo ianque e que, em troca, mostram-se reticentes, por interesse ou comodidade, em denunciar as formas de dominação desses pretensos populistas revolucionários.

(II)

Meu artigo “Chomsky, o bufão de Chávez” publicado inicialmente no *Boletim Cuba Libertaria*, e reproduzido em inglês, francês, italiano e alemão em diferentes sites, desagradou os que seguem vendo, hoje em dia, os Castro, Chávez, etc., como guias do socialismo e do anti-imperialismo. Mesmo diante das evidências cada vez mais óbvias do que são realmente o “socialismo” e o “anti-imperialismo” destes histriônicos caudilhos populistas.

Já esperava pelas reações, pois não há maior cegueira que a produzida pela adesão a homens providenciais. A história está repleta de casos paradigmáticos de cegueiras coletivas desse tipo: Hitler, Mussolini, Stalin, Mao, Perón e Evita, para não remontar a casos mais distantes. Cegueiras coletivas que somente a história e a mudança geracional dissiparam. Não serei eu a pretender devolver a visão a quem não quer ver. O tempo e a história os obrigarão a isso; mas, tampouco isso pode ser afirmado de maneira categórica. Portanto, basta constatar a presença dos admiradores do “socialismo real” que estão por aí, mesmo diante da queda do muro de Berlim, do “capital-comunismo” chinês, etc.

O que menos esperava, o surpreendente, foi uma certa crítica... Uma “crítica” que não questiona com profun-



didade minha reação, ante a palhaçada de Chomsky, mas a forma... Quanto à profundidade, essa “crítica” reconhece que esses líderes, “Castro, Chávez, Lula e Morales”, constituem uma “mistura pseudo-esquerdista” além de serem “reticentes anti-imperialistas”. Uma crítica surpreendente! Não apenas por esse reconhecimento, mas também por desejar “uma sociedade sem exploração social” e “sem tutela de nenhuma minoria sobre as massas e controles sobre elas”; porque toma para si a visão social-democrata da “necessidade dos trabalhadores para ampliar a superfície da jaula em que nos encontramos”. Ampliar em vez de destruir, como justificou Chomsky, em novembro de 1996, aos estudantes de História da Universidade de São Paulo, pois “a diminuição do Estado reduz o espaço no qual se exerce a influência pública”, e este “não é um objetivo anarquista.” Um Chomsky apresentado como um venerável “companheiro de viagem” do anarquismo, ainda que se insista em lembrar que “Chomsky não é filiado a nenhum grupo anarquista, e próximo do IWW dos EUA.”

É esta surpreendente profissão de fé social-democrata que nos aconselha a assumir curiosas explicações “anarquistas” e que me incita a pontuar sobre Chomsky, os Castro, Chávez, etc. Não somente pelo que há de questionável na justificação chomskiana do Estado, mas pelo que esta “crítica” pretende justificar realmente, ou seja, o silêncio diante de condutas que, hoje em dia, contribuem, como as similares do passado, para castrar as aspirações revolucionárias das massas exploradas e desacreditar a ideia de socialismo como projeto social emancipador. Condutas que aplicam ao pé da letra o “ampliar a superfície da jaula”⁴ e que fazem do Estado o eixo da vida pública, com os mesmos resultados



Chomsky, o bufão de Chávez

do passado no presente. Que cada um conclua em função de sua consciência social e política.

Em consequência, e por parecer óbvio, minhas pontuações se centrarão na responsabilidade em ser cúmplice de tal silêncio. A responsabilidade de Chomsky, por conseguinte, ao não denunciar as mesmas condutas que no passado denunciou em contextos mais revolucionários, e, também, a nossa própria responsabilidade como anarquistas por medo de “ferir aos trabalhadores, sobretudo os latino-americanos, que mantêm certa confiança nas direções e líderes que não nos parecem confiáveis e sérios”, se nos calarmos e não dissermos o que pensamos sobre esse populismo pretensamente revolucionário. Que o digam já, com a valentia e a honestidade que os honram, numerosos marxistas não-dogmáticos no mundo todo, e em Cuba e na Venezuela.

A caução chomskiana ao populismo pseudo-revolucionário

Chomsky é um dos intelectuais estadunidenses mais críticos da democracia, pretensamente existente nos EUA, e da política imperialista dos governos norte-americanos, mas, isso não o exime de ser igualmente crítico com a ausência de democracia em regimes tanto ou mais autoritários que o ianque. Além disso, o anti-imperialismo de Chomsky não deve ser um anti-imperialismo conveniente, mas convicto. Como o foi no passado, quando fustigava, pelas mesmas considerações políticas e éticas, tanto o norte-americano como o soviético: uma equidistância honesta, moral e consequente com suas ideias de justiça e liberdade para todos.



Por isso era escutado e se converteu em referência ética e política para os que rechaçavam as duas faces do inaceitável: a exploração e a dominação.

Sua crítica não era maniqueísta. O que reprovava num campo não justificava no outro. Não havia parcialidade nem retórica de circunstâncias, somente exigência de verdadeira coerência entre meios e fins, para ambos os lados. Não se tratava de uma questão entre sua moral e a nossa, como pretendiam os que denunciavam e condenavam a pena de morte nos USA e a justificavam na URSS. Chomsky não era nem de uns, nem de outros. Ao contrário, denunciava os que praticavam essa dupla moral, e este é o Chomsky que deveria permanecer hoje, caso não renegasse o que foi. O Chomsky que respondeu porque Lênin e Trotsky foram os piores inimigos do socialismo no século XX, piores mesmo que Hitler, Mussolini, Chang-Kai-Chec, Truman ou Churchill, dizendo: “contrariamente ao que você menciona, Lênin e Trotsky foram inimigos do socialismo por várias razões. Primeiro, destruíram sistematicamente a Rússia, desmontando e proibindo organizações socialistas e demais organizações populares, que apareceram durante o período de entusiasmo revolucionário, antes mesmo que Lênin e Trotsky se respaldassem no poder. Segundo, o fizeram em nome do “socialismo”, e assim sabotaram o socialismo, não apenas na Rússia, mas também no mundo todo. A tirania antissocialista instituída por Lênin e Trotsky se transformou, mais tarde, na monstruosidade absoluta com Stalin.”

Serão, hoje em dia, os Castro, Chávez, etc., mais consequentes com o ideal socialista que foram Lênin e Trotsky? São as “organizações socialistas e demais organizações po-



pulares” as que decidem em seus países ou são os Castro, Chávez, etc.?

A responsabilidade de Chomsky é por essa inconsequência, esse silêncio; qual o sentido de dizer, depois de se deixar fotografar com o caudilho Chávez, e agradecer seu socialismo do século XXI, no país há “enorme corrupção, elementos de caudilhismo, a tradicional praga latino-americana”, ao encerrar uma visita de 48 horas à Venezuela? E o que dizer de sua visita à Cuba, deixando-se fotografar com Castro, outro caudilho, pouco tempo depois dele mandar fuzilar jovens negros simplesmente porque pretenderam fugir da “jaula” que Cuba era e continua sendo, sem matar ou ferir ninguém. Sim, certamente, o número de fuzilados em Cuba está abaixo dos fuzilados na Rússia pela Tcheka; mas, ao menos para mim, matar esses jovens negros é tão odioso e inaceitável quanto foram os milhares de assassinatos da Tcheka; além de responder à mesma lógica do terror. E isto é um fato que Chomsky não poderia esquecer, sequer por estar com quase 80 anos naquela ocasião.

Foi Chomsky quem disse: “o anarquismo, assim como o compreendo, é a tendência de pensamento de ação humana que busca identificar as estruturas de autoridade e de dominação, exigindo que se justifiquem desde o momento em que se demonstra sua incapacidade em fazê-lo e trabalhar para ultrapassá-las. Formas de opressão que antes eram somente reconhecidas e pouco combatidas não são toleráveis hoje em dia. Isto é um êxito e não um revés do anarquismo.”



A caução do silêncio

Pelas mesmas razões pelas quais Chomsky se viu obrigado a repetir o que dissera sobre Lenin e Trotsky, e com o mesmo direito que ele próprio se outorgou para dizer o que pensava sobre a conduta destes personagens durante a Revolução Russa, seguirei denunciando os Castro, Chávez, etc., de serem também coveiros das aspirações emancipadoras dos povos. É o que penso e o que pensam os militantes associativos e sindicalistas revolucionários que defendem a autonomia das organizações socialistas e demais organizações nestes países. Não somente pelo descumprimento das promessas feitas ao povo e da repressão judicial contra os sindicalistas trabalhadores e camponeses que exigem tal cumprimento, mas pela criminalização da luta social, como faziam e fazem os regimes burgueses.

O fio condutor e o objetivo desta forma de governar, supostamente “progressista”, são os mesmos do passado, quando os governos esmagavam as rebeliões populares com repressão militar. Entretanto, agora, a estratégia de dominação promove o controle da insubordinação pelos próprios cidadãos e cidadãs convertidos em braços executores das políticas de contenção estatais como a implementação das *Missões* (Venezuela), os programas *Sócio-país* (Equador), a *Rede Solidária* (El Salvador) ou *Famílias em Ação* (Colômbia), como o *Bônus Juancito Pinto* (Bolívia), o *Bolsa Família* (Brasil), o programa *Tekopora* (Paraguai), o bônus *Minha Família Progride* (Guatemala), e também o programa *Oportunidades* (México), entre outros, como estratégias de intervenção e controle social. Não esqueçamos, enfim, dos “Comitês de Defesa da Revolução”, os famosos CDR cubanos.



Chomsky, o bufão de Chávez

Tudo isso acontece para que as transnacionais possam continuar sem maiores problemas trabalhistas na exploração dos recursos naturais destes países, dentro do mesmo modelo desenvolvimentista da globalização neoliberal, mesmo sob ou graças aos discursos anti-imperialistas ou antioligárquicos suscitados pelos Castro, Chávez, etc.

Espantoso é o silêncio de certos intelectuais de esquerda diante destas atuações que consolidam e ratificam o liberalismo político e econômico, que somente beneficia a burocracia e aos setores da burguesia próximos aos que governam, como no passado. Esta esquerda, anteriormente crítica, radical, iconoclasta com os discursos do poder, agora, por apoiar, subscrever e endossar os projetos políticos dos chamados governos progressistas, arria a bandeira da crítica social e pretende justificar o injustificável: a demagogia e a corrupção. Uma conivência que vai além do próprio silêncio, pois em seu afã de impedir o debate, a crítica e a discussão no interior da esquerda no continente e no mundo, recorre ao de sempre: à calúnia, à desqualificação e ao insulto.

Enquanto se mantiver o silêncio, um silêncio cúmplice, o continente inteiro se moverá para o que alguns socialistas autênticos chamam de “pós-neoliberalismo”, que também poderia se chamar: a forma “democrática” do “socialismo” chinês. É como se a transição traumática efetuada por governos abertamente neoliberais, ocorresse, agora, sem maiores tensões, graças a esses governos que chamaremos de “pós-neoliberais”. Governos que, além de acentuar os processos extrativistas, produtivistas, de privatização territorial e criminalização social a favor das transnacionais e burguesias da região, modulam o continente às exigências econômicas e injustiças



trabalhistas da globalização capitalista. A isso se agrega a perda da credibilidade ética das esquerdas latino-americanas comprometidas como estão com a corrupção, as fraudes, os latrocínios e o clientelismo.

Diante dessa situação, e com a mesma vontade que Chomsky demonstrou para se posicionar diante dos que, para silenciá-lo, acusavam-no de colaborar com suas críticas sobre o falso “socialismo real” para reforçar o discurso contrarrevolucionário pró-ianque, incluindo, insinuações que o vinculavam financiado pela CIA, eu seguirei impassível denunciando (e apoiando outros denunciadores) estes nefastos desvios do ideal emancipador. Desvios propostos e implementados por caudilhos e movimentos populistas, demagógicos, falsa e histrionicamente revolucionários. Está incorreto dizer que ao se elaborar esta crítica se dá armas aos inimigos da revolução verdadeira, a do povo e não dos burocratas; esta crítica é necessária, fundamental, para que o povo que trabalha possa recuperar sua autonomia e volte a lutar por uma transformação social que coloque fim à exploração e à dominação que suportam por tantos séculos.

Não obterão meu silêncio. Muito menos com calúnias, ameaças ou críticas autossuficientes. Não somente porque considero um dever — como o Chomsky de antes —, mas, também, porque a estas difamações e ameaças posso opor minha história, minha biografia, no terreno da luta contra o imperialismo e todas as formas do Poder, e a essas críticas autossuficientes, os fatos históricos.

Por que me calaria, se muitos marxistas críticos, como eu, indignados, manifestam-se contra a “cínica retórica da resignação”, coincidindo com os anarquistas em que “o so-



Chomsky, o bufão de Chávez

cialismo não pode acontecer de cima para baixo”; que, para se resolver os problemas de sua construção, “a liberdade ampla é necessária à mais ampla parte da população”? Por que me calaria, se esta coincidência, entre anarquistas e marxistas críticos, em atualizar a necessidade de recuperar a autonomia dos movimentos sociais e em repudiar as explicações dogmáticas e doutrinárias no combate ao capitalismo e ao Estado é um fato esperançoso? Não por convencimento e fidelidade ideológica, mas por conclusão lógica sobre o que ensina a história e a vida diária.

Como reconhecem estes marxistas críticos “ao longo de todo o século XX, muita água correu sob as pontes das revoluções”... Também é verdade que “ao longo das experiências sociais e das investigações antropológicas, os enfoques teóricos do Estado se enriqueceram e aprofundaram”, desmistificando o fetichismo do poder ao evidenciar “a genealogia das relações de poder”. Além disso, “as retóricas liberais do Estado mínimo ou do recolhimento do Estado não fizeram mais que ressaltar com nitidez o núcleo duro das suas funções repressivas e do seu papel na atualização dos dispositivos de biopoder”. Disso decorre que “se o tecido das relações de poder tem que desfazer-se, e se se trata de um processo a longo prazo, a maquinaria do poder de Estado deverá ser rompida”.

Se a isso agregamos a denúncia das “ilusões parlamentares”, do “cretinismo parlamentar”, e de todas as ortodoxias revolucionárias, como não confiar no encontro de todos os heterodoxos das ideologias, supostamente libertadoras, no combate contra o Capital e o Estado!

Tradução do espanhol por Edson Passetti.



Notas

¹ O primeiro artigo (I) foi traduzido da publicação de *El Libertário*, vol. 57. Caracas, outubro/novembro de 2009, p. 8. O segundo (II) foi traduzido da publicação *Cuba Libertária*, vol. 14., Paris, janeiro de 2010. (N.E.)

² Noam Chomsky. *Class Warfare*. ME, Common Courage Press, 1996, p. 23.

³ Noam Chomsky. *Comprendre le pouvoir*. Bruxelas, Aden, 2006, pp. 7-11.

⁴ Sobre as repercussões e defesa da “teoria da jaula” de Chomsky no Brasil Ver: Noam Chomsky. *Notas sobre o anarquismo*. Tradução Felipe Corrêa, Bruna Mantese, Rodrigo Rosa e Pablo Ortellado. São Paulo, Imaginário/Sedição editorial, 2004. Prefácio Alexandre Samis. (N. T.)



Resumo

Dois artigos publicados em diversas línguas na imprensa anarquista. No primeiro artigo, Alberola faz uma crítica contundente ao ensaísta Noam Chomsky, em que mostra como um intelectual de esquerda que se autodenomina anarquista-libertário, adere aos discursos falaciosos de populistas autoritários. No segundo artigo, após uma série de reações diante do mal-estar causado naqueles que defendem guias revolucionários, o autor reafirma sua postura inicial, desenvolvendo a questão da liberdade-enjaulada da qual Chomsky é adepto.

palavras-chave: anarquismo; esquerda populista; Chomsky.

Abstract

Two articles published in several languages in the anarchist press. In the first one, Alberola criticizes the essayist Noam Chomsky, presenting how a self-called anarchist intellectual, adheres a populist and authoritarian discourse. In the second article, having a series of outraged reactions from the revolutionary guide-followers, the author reiterates his first point, developing Chomsky's caged-freedom idea.

keywords: anarchism; populist left; Chomsky.

Indicado para publicação em 18 de janeiro de 2010. Confirmado em 2 de março de 2010.

